



Director literario:
António de Oliveira
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Luís de Almeida
 PAPUSSE



TIC-TAC

VINGANÇA DO BICHANO



O mestre Bichano Gato jura vingar-se, de vez, pelo grande desacato da partida que lhe fez «Tic-Tac» mestre Pato.



Ouvindo atrás dum tapume: «cuá-cuá...» grande alarido, ao apurar o ouvido, mestre Bichano presume aproximar-se o atrevido.



Mas, entretanto, em lugar de surgir o mestre Pato, surge um enorme «Packard» que atira o Bichano Gato em pantanas pelo ar.



E agora, ouvindo a buzina imitando o «Tic-tac», brada com fúria felina e em ar de grande basbaque: — «Triste sorte, triste sina!»





e continuou o seu caminho. Lá adiante encontrou um cão muito gordo, ao qual pôs o nome de Pezão; mais adiante encontrou outro, grande corredor a que deu o nome de Ligeiro; e logo mais adiante outro a que pôs o nome de adivinhão.

Acompanhado pelos três cães, seguiu o seu caminho, por um dia de grande calor. Fazia vinte anos nesse dia.

No meio de uma estrada encontrou uma formosa menina que o convidou a descansar à sombra de uma árvore. Os três cães pararam e o príncipe aceitou o convite. Dois cães puzeram-se a brincar; o Pezão foi deitar-se sob uma árvore próxima daquela a cuja sombra o príncipe e a jóven se acolheram. O príncipe inclinou a cabeça sobre o colo da jóven e deixou-se adormecer. Quando acordou não viu a jóven mas viu o Adivinhão e o Ligeiro deitados ao seu lado; o Pezão conservou-se deitado sob a árvore próxima. O príncipe continuou o seu caminho, seguido pelos três cães. Foram dar a uma estalagem. A estalajadeira era bonita e tinha uma enteada ainda mais bonita. Logo que o príncipe viu esta, conheceu ser a que encontrou na estrada, mas fingiu não a conhecer. A estalajadeira quiz opôr-se à entrada dos cães na estalagem, mas o príncipe declarou-lhe que os seus cães o acompanhavam de de dia e de noite e comiam com elle à mesa.

A estalajadeira calou-se.

Nessa noite dormiu o príncipe no seu quarto acompanhado dos seus cães: o Pezão foi deitar-se sobre um baú, o Ligeiro e o Adivinhão foram deitar-se ao lado do seu dono. No dia seguinte dizia a estalajadeira para a enteada:

— Passei a noite muito incomodada. Estive metida no baú no quarto do príncipe, e, não me foi possível sair dali, porque o Pezão tem o péso do mundo. Já na estrada elle se deitou sob a som-

bra da árvore, mesmo em cima da tampa que eu tinha de erguer para acometer o príncipe, deitado no teu colo.

— E que tempo tem para matar o príncipe?

— Apenas nove dias.

— E qual é o motivo do seu ódio contra um príncipe tão belo e tão novo?

— Porque o pai deste príncipe prometeu-me casamento e foi depois casar com a minha rival.

Hei-de matar o filho não obstante os três cães.

Dali a pouco, ergueu-se o príncipe da cama e a estalajadeira disse-lhe que o cavalo estava sem beber, porque os criados não se atreviam a chegar ao pé dele por ser muito respingão.

O príncipe desceu à cavalaria acompanhado dos três cães; o Adivinhão aproximou-se do Pezão e pôs-se a cheirá-lo; logo este foi deitar-se a um canto da cavalaria. O príncipe deu água e feno ao cavalo e subiu à estalagem acompanhado dos cães. A estalajadeira estava furiosa: pretendia atacar o príncipe na cavalaria, mas o Pezão deitou-se sobre a tampa do alçapão, que ela não pudera erguer.

Dirigiu-se à enteada e disse-lhe:

— É necessário envenenar o príncipe. De outro modo não lhe dou fim. Envenenem-lhe a comida.

Às horas da comida, sentou-se o príncipe à mesa, e logo os três saltaram sobre a mesa e partiram os pratos que continham o jantar. A criada fugiu com medo dos cães e a estalajadeira pôs-se a ralar com o príncipe.

— Os meus cães são muito dóceis e elles que inutilizaram a comida, alguma razão tiveram. Nesta ocasião entrou um cão de certo forasteiro, pôs-se a lamber os restos da comida espalhada pelo

(Continua na pagina 7)

OS BANDOLEIROS

NOVELA INFANTIL



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de A. CARDOSO LOPES

(Continuação do número anterior)

Ou restituir Milita imediatamente a seu pai, ou, conservando-a secretamente em sua casa, até completo restabelecimento do filho, aguardar o momento propício de a irem pedir em casamento.

Como Milita optasse por esta última solução, ficou combinado o maior sigilo da sua permanência entre eles, tanto para António como para os estranhos.

Três dias decorridos após a operação, o Dr. Rui Silveiras declarou encontrar-se completamente livre de perigo o seu operado, pelo que Milita correu a abraçar, no leito que o retinha, o seu adorado companheiro de tantas horas de infortúnio...

Numa semana António restabeleceu-se.

Em casa de Jorge de Moraes há oito dias que, diariamente, se reúniam este, o administrador do concelho e Mário de Sousa, entregues à árdua tarefa de descobrirem o paradeiro de Milita e Rapina, de Milita com quem Mário não desistia da idéia de vir ainda a casar e de Rapina que o filho do administrador jurava constantemente que inda havia de pregar com os ossos em África, num perpetuo degredo. Por isso Jorge aguardava agora impientemente, ahegada de Mário e seu pai, na esperança de que a nova reunião viesse trazer um pouco mais de luz e grandes revelações sobre o misterioso desaparecimento dos fugitivos.



Súbitamente, a sineta do portão da quinta, ressoou.

— «*Emfim!*...» exclamou Jorge que, de mãos nos bolsos, se fartara de dar voltas, ao acaso, entre as quatro paredes do seu gabinete, chegando à janela, ansioso por vêr o administrador e seu filho. A escuridão da noite, porém, não lhe permitiu distinguir os vultos.

— «*São, concerteza, eles!*» monologava Jorge, precisamente no momento em que a porta do gabinete, abrindo-se, deu entrada a Fernando Reis que, estendendo sorridente a mão, murmurou com excelente humor:

— «*Não me esperavas agora, meu presado Jorge?*!»

— «*Efectivamente.*» Retorquiu o pai de Milita, justificando a sua surpresa, na esperança de encontrar quem lhe trouxesse novas de Milita e Rapina.

— «*Trago-as eu!*» exclamou o Dr. Fernando Reis, acrescentando com mordaz ironia; — «*eu que não sou «defective» nem*

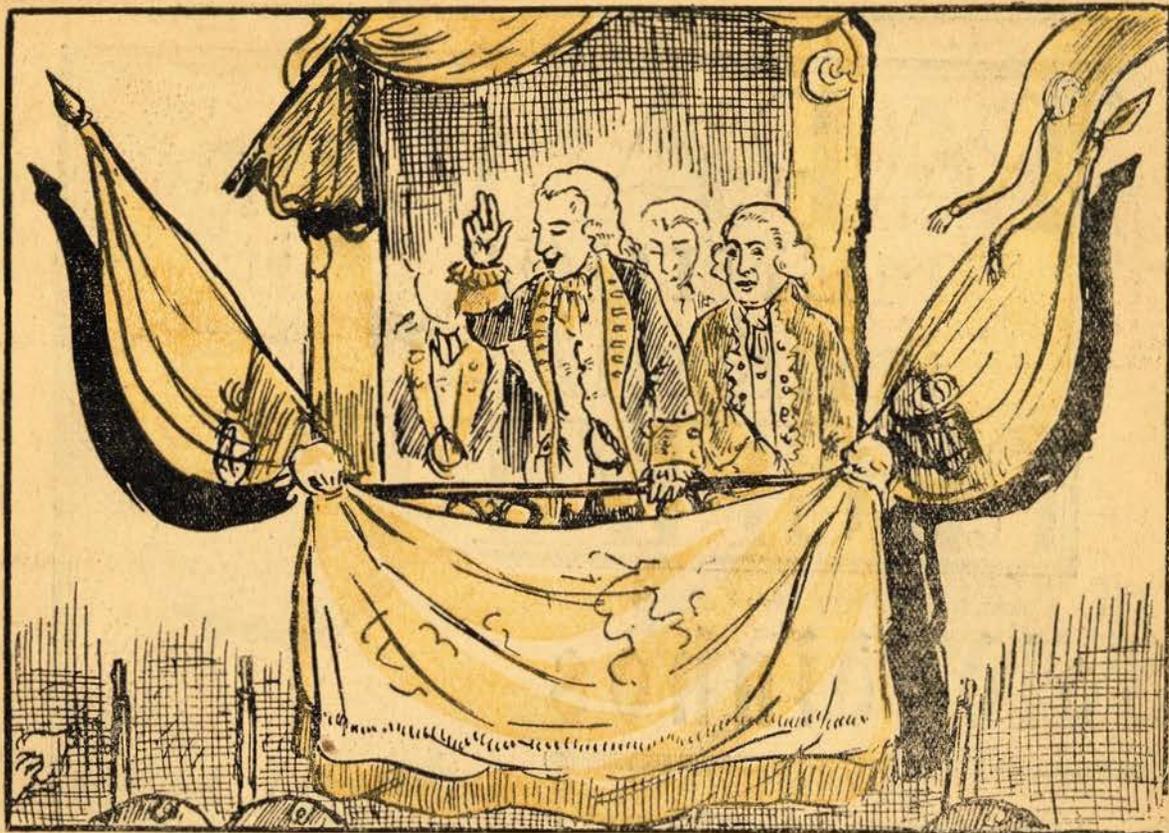
posso o faro policial de Mário de Sousa.»

Jorge, em face de tão sensacional notícia, pôs-se nervosamente as mãos sobre os ombros de Fernando e interrogou-o numa imensa ansiedade:

— «*Então?!... Fala... depressa... dize...*»

E, súbitamente, Fernando, tomando uma atitude solene disparou de chofre a seguinte frase, gosando a estranha surpresa que iria causar a Jorge:

— «*Meu caro amigo, venho pedir-te a mão de Milita para meu filho, que Deus me restituiu.*



— «Como assim?!...» murmurou Jorge, boquiaberto. Então, sentando-se num amplo sofá, forrado de damasco, Fernando Reis, ao lado de Jorge de Moraes, contou-lhe todos os acontecimentos que se haviam desenrolado desde a semana anterior, exaltando sempre a nobre conduta de Rapiña que era, finalmente, o seu querido filho António, o Titó que Jorge conhecera em pequenino e de quem fôra padrinho de baptismo.

— «Parabens, Fernando! Que imensa alegria acabas de me dar!» limitou-se a dizer o pai de Milita, com o olhar marejado por uma forte emoção.

— «Consentes?» perguntou Fernando, adivinhando a favorável resposta:

— «Sim, meu caro, com infinito prazer. Mas onde se encontram eles que os quero abraçar».

— «Lá em baixo». Indicou Jorge, apontando a janela. «Vou já chamá-los».

E, saíndo, rapidamente, voltou segundos depois com Milita que, seguida de António, correu para o paterno regaço, abraçando Jorge, num demorado amplexo.

Combinado o dia do casamento para o mês imediato, D. Mafalda que acorrera ao chamamento de Milita, depois de posta ao corrente de tudo que se passara, declarou que seria a madrinha da sua adorada neta de quem tantas saudades tivera durante a sua ausência, a ponto de haver emagre-

cido consideravelmente, e Isabel seria a madrinha do noivo.

Após tudo devidamente combinado para o grande dia, António e Fernando despediram-se de Jorge e de D. Mafalda, depois de haverem resolvido fingirem estes ignorarem ainda o paradeiro dos noivos, a fim de melhor vexarem o grande e fenomenal detective, possuidor de um estranho faro policial, chamado Mário de Sousa.

*

* * *

Oito dias depois, devido à sua influência política, o Dr. Fernando Reis conseguira satisfazer um caprichoso desejo de seu filho, desejo que consistia na demissão do actual administrador do concelho e na sua nomeação para o referido cargo. Pelo decreto inserto no último número do *Diário do Governo*, António Reis deveria tomar parte no dia imediato, dia em que o acto, revestido de certa solenidade, se realizou.

Como raramente passasse a vista pelo *Diário do Governo*, o pai de Mário de Sousa, ignorando a nova nomeação, encarregou seu filho, naquela mesma manhã em que António tomava posse, de ir exercer as suas funções como tantas vezes, interinamente, fazia.

Com seu ar orgulhoso e petulante, Mário transpôs a porta da administração.

Continua no proximo numero

PARA OS MENINOS E MENINAS RECITARE



Soldadinhos

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Frente à montra dos brinquedos da Kermesse de Paris,
todo rotinho, um petiz,
de oito ou dez anos, nem tanto,
olha muito embevecido, com olhitos espantados,
uma caixa de soldados
que era todo o seu encanto.

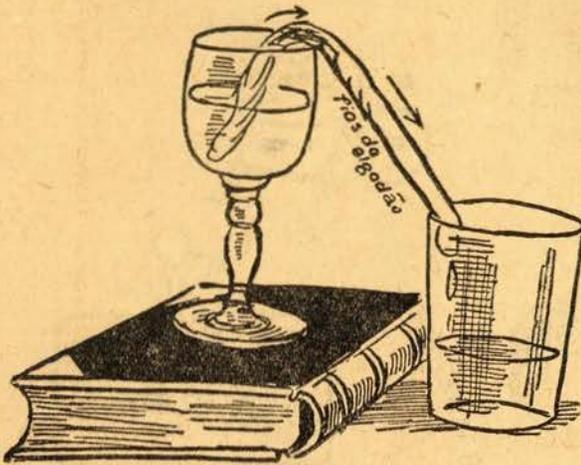
Nisto, entra um pequenito pela mão de uma mamã,
com polaininhas de lã
e rica boina de lontra,
com cabeção de setim e calçõezinhos de seda.
Rápidamente se arreda
o cortinado da montra
e entre um montão de brinquedos uma mãozinha se abaixa
levando consigo a caixa
e uma porção de bonitos.

Entristece-se o menino pòbrezinho que, de fora,
muito triste, quási chora
por não ver os soldaditos
que êle tanto desejava, que eram todo o seu encanto;
e já não retém o pranto
pela face dolorida;
bate palmas, de contente, o menino de calção,
vendo o embrulho na mão
da adorada mamãzinha

que, com êle, agora, segue em direcção da Avenida,
sem, sequer, terem notado
na mágoa da criancinha!
Segue caminho contrário o menino esfarrapado,
inda a scismar num soldado
que lhe prendera a atenção.

Nisto passa pela rua—(quem havia de dizer?!)—
um regimento a valer,
um luzido batalhão;
banda tocando uma marcha, linda marcha triunfal...
Na expressão do pequenito
extinguui-se logo a dôr!
—«Que bonito, ai que bonito... (diz o menino) afinal,
eu também tenho um bonito
que me deu Nosso Senhor!»
E, seguindo o regimento, cuja banda de oiro intenso,
enche todo o espaço imenso,
de harmonias, ao tocar,
o menino—tuque-tuque... os soldadinhos seguindo,
murmura, agora, sorrindo:
—«já tenho com que brincar!...»

Hora de Recreio



colocado num plano superior. Introduce-se um fio de algodão no de baixo e a água sobe por esse fio, indo cair no que lhe está acima.

A gravura representa uma experiência semelhante, feita com um tubozinho de borracha, que pode ser o isolador do fio de electricidade, depois de se lhe haver tirado o arame. Neste caso, a água desce até ao copo de baixo, pois o peso da coluna de água, obriga o canudo a absorver a água de cima.

Esta experiência do fio de algodão tem uma aplicação prática. Quando forem para a praia e quizerem deixar os vasos das plantas em casa, com frescura, durante a ausência, ponham um recipiente de água ao lado de cada um, com um ou mais fios a ligar. Não acham prático?

Uma habilidade

Experiência de física

Não se trata de nenhuma coisa fantástica, mas simplesmente do fenómeno físico da capilaridade do qual resulta que a água que se encontra num ponto, passa para outro, muito facilmente, através de um fio de algodão.

Com dois copos poderão fazer esta experiência; um, é

Os três cães (continuação da página 5)

chão e logo morreu envenenado. Foi então que o príncipe reconheceu que a comida estava envenenada.

Nessa tarde saíu a estalajadeira e o príncipe disse à enteada:

— Tua madrastra, por qualquer motivo quere matar-me. Vejo-me obrigado a matá-la.

— Minha madrastra não morre. É uma fada e, portanto, imortal — tornou a rapariga.

— Todos morrem, Não sabes de que depende a morte da tua madrastra?

— Não sei e se soubesse não dizia.

— Tenho a minha vida em perigo e eu queria viver e casar contigo.

— Teu pai prometeu o mesmo a minha madrastra e faltou-lhe.

— Eu não te faltarei, porque te fico devendo a minha vida. Então a enteada da estalajadeira ficou por momentos pensativa e, depois, respondeu:

— Eu tentarei saber de que depende a morte de minha madrastra. Logo que a estajadeira chegou, foi a enteada dizer-lhe que o príncipe a queria matar. A estalajadeira riu-se e respondeu:

— Não tenhas medo; ele não sabe a única maneira que existe de eu poder morrer.

— É eu não poderei saber?

— Podes: a minha morte só depende de uma bicha, que existe no ovo de uma pomba, que está

escondido no armário do nosso quarto escuro. Para ser morta a bicha, tem de ser cortada ao meio de um só golpe.

— Logo que a estalajadeira se ausentou, foi a filha informar o príncipe. Este acompanhado da rapariga e dos três cães, entrou no quarto escuro e matou a pomba. Dentro da pomba havia um ovo que caiu no chão.

Do ovo saíu uma bicha enorme, mas o Pezão carregou sobre a bicha e o príncipe cortou-a ao meio com a sua espada. Ouviu-se então um grito longínquo: era a estalajadeira que morria. Os três cães desapareceram e não mais foram vistos. Eram três anjos que Deus enviou para proteger o príncipe que logo se dirigiu para o seu palácio, levando na sua companhia a enteada da estalajadeira.

O palácio estava de luto: supunha-se que o príncipe tivesse morrido. A entrada do palácio, o príncipe encontrou a velhinha que nós já conhecemos. A velhinha beijou o príncipe e desapareceu. O rei e a rainha abraçaram o filho e deram o consentimento de se realizar o casamento, logo que o príncipe contou a sua triste história a seus pais.

Casaram-se. Houve grandes festas em todo o reino e as bodas foram um deslumbramento.

Eu fui lá mas não me deram nada, nem a porta me abriram.

Construção para armar



Tenho a certeza que não há «sobrinho» algum que não saiba construir êste modelo, lendo as instruções e cingindo-se a elas.

1.º—Cola-se a folha em cartão ou cartolina, recortam-se todas as peças e fazem-se os furos com o bico da tesoura.

2.º—Ligam-se os pontos A com A, B com B, etc., com «ataches».

Reparem que os pontos C são ligados passando pela fenda C, perto do joelho do homem.